

RESENHA | BOOK REVIEW

Os visitantes (B. Kucinski)

KUCINSKI, B. *Os visitantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Berta Waldman*

Tendo como pano de fundo seu livro anterior *K. - relato de uma busca*, B. Kucinski retoma sua ficção no recém-publicado *Os visitantes*. O tema do desaparecimento de sua irmã, Ana Rosa Kucinski, e de seu marido, eliminados pelas forças da repressão, não se encerra no primeiro livro, voltando nesse novo romance, ainda que de outro modo.

O narrador, agora, mantém-se num ponto fixo, e, diante dele, vão desfilando personagens que se posicionam em relação ao ocorrido com a irmã e o cunhado ou frente a outros componentes do primeiro relato. O jogo do ponto-de-vista sofre uma alteração drástica e alavanca uma discussão que abrange um leque de novas situações. São leitores do romance anterior de B. Kucinski que retornam para conversar com o escritor e, de algum modo, pedir satisfação por aquilo que foi por ele escrito no primeiro livro. Assim, eles participam da nova narrativa como personagens, graduando os níveis de ficcionalização do relato (ficção e metaficção). O escritor passa a narrador, e os novos personagens entram em cena para tratar do romance anterior, que ocupa um novo espaço ficcional. A estrutura é engenhosa, espécie de caixa chinesa, que se desdobra. O relato se faz pela participação dos leitores do primeiro romance, que retornam, no segundo, para fazer sua crítica ao escritor.

A senhora Regina aparece raivosa e destaca um erro do autor. Comunicando-se em ídiche, ela informa que os números teriam sido tatuados nos braços dos judeus só em Auschwitz, e não em todos os campos de concentração. Para ela, o erro tinha que ser corrigido, porque era uma ofensa aos desaparecidos. O autor tenta se defender, dizendo que o que escreve é ficção; ele não tem obrigação de ser preciso, portanto. A senhora faz outra correção: a irmã do autor teria sido morta porque era da resistência, e não por ser judia. Segundo ela, o autor tinha de ser fiel aos fatos, ignorando que se tratava de um texto ficcional.

* Professora de Literatura Hebraica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Outra leitora se insurge contra o autor: uma amiga da irmã desaparecida, incumbida de levar seu livro *K.* às demais colegas. Elas, entretanto, se recusam a receber o livro, porque, de tão bem acabado, mais parecia almejar reconhecimento literário do que relatar a morte da irmã e do cunhado.

O desassossego do narrador perdura quando lê um jornal e pensa que estão tratando de seu livro, mas a resenha é do livro de seu pai, também ficcionista, cujos contos foram traduzidos do ídiche e publicados em português. Entre o sonho e a vigília, um pai kafkiano cobra do filho atitudes esperadas e não cumpridas; assim, o sentimento de culpa do filho se amplia, agravado pela frustração de não haver nenhum comentário de seu novo livro.

Outros visitantes advindos do livro *K.* também batem à porta do autor. Um deles diz que não gostou que o autor declarasse, em seu livro, que a irmã era feia; este, no entanto, se defende, dizendo que era a mãe que considerava a filha feia. O autor lembra, para justificar o juízo da mãe, que a filha tinha sido concebida durante a guerra, quando toda a família fora assassinada. A culpa de ter sobrevivido poderia ter influenciado a posição da mãe, que achava que devia tingir de tristeza a sua vida. Outro que lhe bate à porta é um jornalista furioso, que diz ter-se identificado como personagem do novo livro. Em seguida, a ex-mulher aparece, dizendo que o autor errou o ano da compra da casa – dois anos, e não seis, teriam decorrido desde o desaparecimento da irmã, e a compra teria servido para inventar um futuro, em meio às perdas. Outra visitante, membro da Comissão de Anistia, visita o escritor para agradecer a publicação da carta de um militante a um companheiro exilado no exterior, no último capítulo de *K.*, intitulado *Mensagem ao companheiro Klemente*, criticando os chefes por não terem dado a ordem de parar quando tudo já estava perdido. Aqui, a fabulação passa por documento e cria novos fatos. É também retomada no livro a votação da Congregação dos docentes da USP pela expulsão da professora desaparecida, isto é, a sua irmã, quando sabiam que ela havia sido sequestrada pela repressão. O descaso é omitido pela senhora, que defende o professor Gotlieb (chefe da Congregação), um idealista, segundo ela. Ainda mais: a Congregação da USP, por maioria, teria aprovado uma moção contra o livro *K.*

Outro episódio a se salientar diz respeito à figura de uma jovem que se apaixona pelo torturador (Fleury), passando a inocentá-lo. Pontos de vista e pontos de cegueira, equívocos, deslizos vão sendo levantados, confrontados. Um olhar estrangeiro é incluído no romance, na figura do pesquisador israelense (filho do escritor David Grossman?), que conta a acolhida positiva do primeiro romance de Bernardo Kucinski em Israel. As questões propostas pelo

universitário têm interesse, porque se distinguem das demais. Quem teria sido o rabino que, na novela, veta a colocação da lápide da irmã do autor? Os rabinos teriam se voltado contra a ditadura, como Dom Evaristo Arns? Haveria neles algum sentimento de culpa pelo ocorrido?

Vale indagar, finalmente, por que o livro anterior de Bernardo Kucinski é retomado em *Os visitantes*? Desdobrado, discutido, o resultado pode ser considerado ficção? É inusual um autor questionar o próprio livro, gerando, através desse recurso, o outro de si. Mas esse desdobramento não deixa de ser ficcional e adiciona espessura ao romance anterior, acumulando hipóteses novas aos acontecimentos, para deixar em aberto, por fim, uma história que insiste em perdurar.